

OS SUJEITOS DE 3ª PESSOA NA FALA FÍLMICA BRASILEIRA

GIAN LUIGI DE ROSA
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI ROMA TRE

Abstract – In this paper, based on a corpus of contemporary Brazilian film dialogues (the *Sub-Corpus Carioca Urbano, Corpus I-Fala, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research*; De Rosa et alii 2017), we will discuss the presence and use of 3rd person referential subjects within the wider framework of the changes that are affecting Brazilian Portuguese, the latter being today considered a partial null-subject language. The study, based on Duarte (2012), analysed only referential pronominal subjects (overt or null) in finite sentences by focussing on two things. First of all, we considered mainly the semantic traits [\pm human] and [\pm specific], given that, according to the referential hierarchy proposed by Cyrino, Duarte and Kato (2000), referentiality has translinguistic relevance in pronominalization. Next, following Barbosa, Duarte and Kato (2005), we analysed their “sentential pattern”, i.e., the syntactic accessibility and functions of the antecedents.

Keywords: Brazilian Portuguese; Null subject languages; Referential (overt and null) subject pronouns; Filmic speech; European Portuguese.

1. Introdução

O português brasileiro (daqui em diante PB), na sua variedade neostandard¹, conforme atestam muitos estudos que analisam dados da língua falada (Lira 1982, 1988, 1996; Duarte 1995, 1998, 2000; Berlinck, Duarte e Oliveira 2015), da língua escrita (Paredes da Silva 1988, 1991, 2003), da fala teatral (Duarte 1993, 2012) e da fala fílmica (De Rosa 2017, 2019), está passando de língua pro-drop a língua a pro-drop parcial.

O presente contributo, retomando De Rosa (2019), visa a:

¹ Por PB neostandard entendemos a variedade de PB de uso comum, empregada por locutores cultos urbanos brasileiros e que pode se considerar como um novo standard em formação, cujas construções, formas e realizações mais salientes se registram também nos gêneros textuais escritos mais monitorados. Trata-se de uma variedade sensível à diferenciação diatópica e, portanto, corresponde fundamentalmente – no emprego concreto dos locutores – às variedades cultas urbanas (não utilizamos a definição “fala culta urbana”, porque o emprego do PB neostandard se registra, como dissemos, também nos gêneros textuais escritos).

- observar, em termos quantitativos e qualitativos, no interno da amostra de dez filmes produzidos entre 1996 e 2013 e todos ambientados quase exclusivamente na cidade do Rio de Janeiro (*Sub-Corpus Carioca Urbano, Corpus I-Fala, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research*, De Rosa et alii, 2017), como se reflete o processo de transformação que está atingindo o PB que de (variedade de) língua pro-drop está se transformando em (variedade de) língua a pro-drop parcial;
- e a mostrar o comportamento dos sujeitos de 3ª pessoa na fala fílmica brasileira contemporânea, refinando a análise da representação dos sujeitos referenciais de 3ª pessoa, considerando, especialmente, os traços [+humano], [+animado] e [+específico] e confrontando os resultados com os dados da fala espontânea.

Todavia, conforme os trabalhos supracitados, o PB neostandard permite – além de um maior preenchimento do sujeito referencial – também um maior preenchimento da posição de sujeito nas variedades standard do PE e do PB em relação a:

a) Sujeitos pronominais de referência arbitrária:

“Eles deveriam ensinar amor às crianças” (Cyrino, Duarte, Kato 2000, p. 62);

b) Sujeitos pronominais com correferente não animado:

“A casa virou um filme quando ela teve de ir abaixo” (Duarte 2000, p. 22);

c) Deslocamento à esquerda de sujeito:

“O Paulo ele gosta de cinema brasileiro”.

No entanto, além de existirem também na variedade neostandard do PB contextos de resistência onde é possível a omissão do sujeito referencial na 3PS, a omissão do sujeito não referencial ainda se registra nas sentenças com verbos meteorológicos (“ø venta”), nas construções impessoais (“ø parece que a gente vai amanhã”) e nas construções existenciais com ter e haver (“ø Tem muito prédio nessa cidade”), onde temos sujeitos nulos expletivos.² Há também casos de sujeitos nulos de referência arbitrária, como nos casos: “Hoje em dia não ø usa mais máquina de escrever”; “Bateram à porta”.

Além disso, é ainda possível, em alguns casos, assim como acontece nas línguas pro-drop, a inversão dos constituintes da frase, com o sujeito no final

² No PB neostandard, ao lado dessas sentenças com o expletivo nulo, registram-se casos em que algum argumento sobe para a posição de sujeito, como em: sentenças com verbos meteorológicos (ex.: “São Paulo chove muito no inverno”, “Essas florestas chovem muito”); construções impessoais com sujeito (ex.: “Ele parece que vem amanhã”, “Eu pareço que vou explodir de raiva”); existenciais com sujeito (ex.: “Essa cidade tem muita praia”, “O Rio tem prédios lindos”) (Cfr. Kato e Duarte 2014, p. 156).

da frase (VOS) (“comeram o bolo as crianças”) e o sujeito em posição pós-verbal em construções passivas (“Foi convidado só ele”)³ e com verbos inacusativos (“Chegou o rapaz”).

2. O sujeito pronominal no PB neostandard

Maria Eugenia Lamoglia Duarte (1993, 1995, 1998, 2000, 2004, 2008, 2012), nos seus estudos sobre o sujeito no PB testemunha a mudança em curso no PB, a partir da segunda metade do século XIX, no que diz respeito ao uso dos pronomes sujeito. A autora analisou esse fenômeno tanto na fala espontânea situacional, quanto na fala teatral de peças brasileiras populares, observando a tendência progressiva de uso de pronomes em posição de sujeito em sentenças finitas (aquelas que exibem o verbo flexionado em tempo, modo, número e pessoa), onde o PE admite a não expressão do sujeito de uma frase finita uma vez que possui um rico sistema de acordo sujeito-verbo.

Os resultados, repropostos no gráfico 1 (Duarte, (2000, p. 19), que readapta os dados sobre o sujeito nulo do corpus teatral de Duarte (1993, p. 112), indicam uma passagem gradual que levaria o PB, na sua variedade neostandard, de língua a sujeito não-expresso a língua a sujeito expresso.

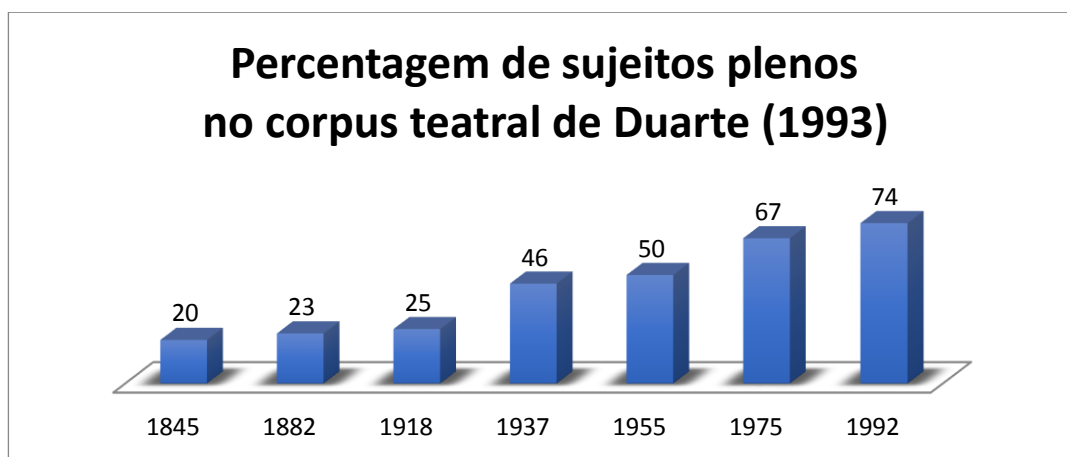


Gráfico 1
Dados extraídos de Duarte (2000, p. 19).

Essa mudança está relacionada ao processo de neostandardização do PB, no qual se registra a aceitação cada dia mais difusa, no novo standard em formação, de construções na origem marcadas e específicas das variedades de fala não standard (monitoradas e não). Nesse processo, tem uma certa relevância a ordem dos constituintes oracionais. De fato, a tal propósito, é

³ Essas construções são plenamente aceitáveis só quando o sujeito é focalizado, i.e., quando se trata de uma informação nova ou quando recebe um acento contrastivo (Cfr. Lobo 2013, pp. 2310-2311).

necessário reafirmar que, se no PB standard a ordem “não marcada” dos constituintes da frase é ainda considerada (S)VO (Sujeito-Verbo-Objeto), e o sujeito pode ser omitido porque o PB standard apresenta um paradigma flexional rico, no PB neostandard a ordem “não marcada” dos constituintes é SV(O), devido efetivamente às mudanças linguísticas de que estamos falando: maior preenchimento do sujeito e omissão do clítico objeto, sobretudo o acusativo da 3P (Tarallo 1993). Portanto, a mudança paramétrica envolve e afeta o PB neostandard (ou variedades cultas urbanas) e não o PB standard

O parâmetro *pro-drop* distingue línguas de sujeito pronominal obrigatório (que apresentam uma fraca morfologia verbal) e línguas de sujeito pronominal facultativo (o sujeito é recuperável da morfologia verbal). Kato (2000, p. 207), na linha de Chomsky (1981) e Rizzi (1982), afirma que “The null subject (NS) parameter has been proposed to be a cluster of properties, including: [a] the possibility of null subjects; [b] free inversion/potposed subjects”. Na prática, uma língua pode se definir *pro-drop* se permite a elipse do sujeito, a inversão livre com o sujeito posposto, e tem um uso do sujeito pronominal limitado em contextos restritos, assim como é atestado pela gramática da Real Academia Española para o espanhol (standard), língua *pro-drop*.⁴ Isso vale também para o italiano, língua *pro-drop*, na qual, por exemplo, o sujeito de um verbo meteorológico pode ser realizado por um pronome implícito (sem realização fonética): “nevica”, enquanto que em inglês, língua não *pro-drop*, a posição do sujeito deve ser ocupada por um pronome expletivo (com realização fonética) que, desprovido de significado/referência, é definido pleonástico: “it snows”.

Quanto ao PB, Duarte (1993) sublinha que a simplificação dos paradigmas pronominais e verbais teve um papel fundamental na mudança da tipologia da língua (de *pro-drop* a *pro-drop* parcial).

Isso resulta ainda mais claro no esquema que se segue, no qual se confrontam o paradigma verbal do PB standard com o paradigma verbal do PB neostandard, variedade de língua que registra a concomitância de NÓS e A GENTE como 1PP. Os dois pronomes apresentam-se como formas concorrentes e co-ocorrentes, ainda que com uma diferença de emprego associado aos eixos diamésico e diafásico, visto que o pronome NÓS ainda

⁴ “[El] morfema de persona incluido en el verbo distingue ya cuál de las tres funciona como sujeto gramatical, y así no resulta muy necesaria la presencia de un sustantivo personal para señalar un sujeto explícito: en *canto*, *cantas*, *canta*, están ya expresadas como sujeto las personas primera, segunda y tercera, respectivamente. No obstante, es frecuente la aparición de un personal en esa función de sujeto explícito, y no solo en los casos de coincidencia fónica de las formas verbales (como *cantaba*, *cantaría*, *cante*, en que no se distingue la primera de la tercera persona), ni en el caso de la tercera persona (donde la distinción de géneros del personal puede aportar mayor precisión acerca de la referencia concreta al sujeto). También pueden aparecer *yo* y *tú*, aunque su referencia personal es evidente e inequívoca en cada acto de habla. Por tanto, la aparición de los sustantivos personales en estos casos de redundancia, tiene marcado carácter enfático y expresivo, y trata de contraponer la persona aludida a las otras” (Alarcos Llorach 1999, p. 73).

resiste nos registros formais e monitorados da modalidade escrita do PB, enquanto que A GENTE, para além de ter se tornado a forma pronominal mais empregada entre os jovens, está conquistando também outras faixas etárias, substituindo a primeira pessoa plural NÓS em quase todos os contextos orais e informais.

A seguir o paradigma do PB standard e do PB neostandard e o modelo de arquitetura do PB:

PESSOA	NÚM.	PB STANDARD	PB NEOSTANDARD
1ª	SING.	CANT-O	CANT-O
2ª DIRETA	SING.	CANTA-S	-----
2ª INDIRETA	SING.	CANTA-Ø	CANTA-Ø
3ª	SING.	CANTA-Ø	CANTA-Ø
1ª	PLUR.	CANTA-MOS	CANTA-MOS/CANTA-Ø
2ª DIRETA	PLUR.	CANTA-IS	-----
2ª INDIRETA	PLUR.	CANTA-M	CANTA-M
3ª	PLUR.	CANTA-M	CANTA-M

Tabela 1
Paradigma do PB standard e do PB neostandard.

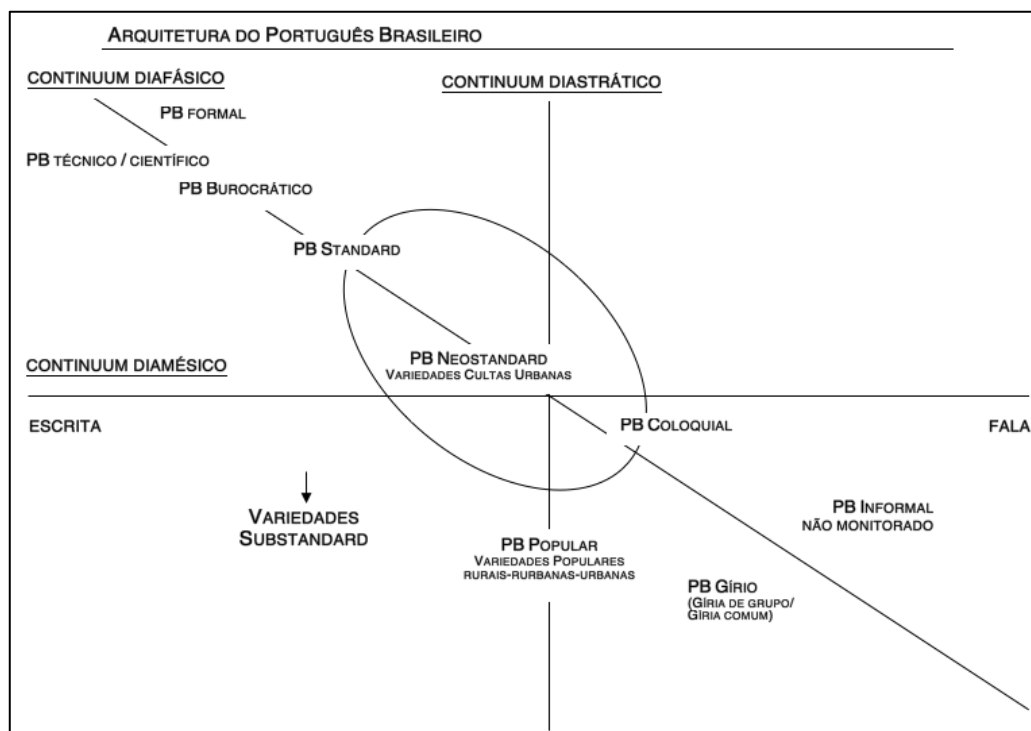


Figura 1
Modelo de arquitetura do PB (De Rosa 2012).

A tipologia dessa mudança se insere no primeiro dos quatro casos de diferenciação e distanciamento entre o PE e o PB, identificados por Tarallo (1993, p. 70) no seu estudo pioneiro sobre a emergência de uma gramática

brasileira no século XIX, quando falava de “reorganização do sistema pronominal”, evidenciando “como consequências mais importantes a implementação de objetos nulos no sistema brasileiro de um lado, e sujeitos lexicais mais frequentes de outro”.

Este estado de coisas faz do PB neostandard uma (variedade de) língua com um sistema flexional verbal reduzido, cuja consequência principal seria uma frequência maior de sujeitos pronominais expressos, devido à “relação direta entre a riqueza flexional dos paradigmas verbais de uma língua e a possibilidade de omissão do sujeito em sentenças finitas” (Duarte 1993, p. 107).

3. O sujeito de 3P na fala fílmica brasileira

Em De Rosa (2019), os 6494 dados recolhidos tomaram em consideração os sujeitos pronominais (plenos ou nulos) referenciais de frases de tempo finito no interno de uma amostra de dez filmes brasileiros presentes no Sub-Corpus Carioca Urbano, Corpus I-Fala (De Rosa *et alii*, 2017).

Na tabela 2 estão elencados os dez filmes, o ano de produção e os dados coletados em cada um desses filmes.

Ano	Filmes	Total de dados recolhidos
1996	Pequeno Dicionário Amoroso	592
1998	Central do Brasil	619
2004	O Redentor	507
2006	Se eu fosse você	877
2006	Muito gelo e dois dedos d'água	639
2006	Trair e coçar é só começar	816
2007	Meu nome não é Johnny	768
2007	Cidade dos Homens	619
2008	Verônica	463
2013	Alemão	593

Tabela 2.

A variável - ocorrência do sujeito pleno ou nulo - foi cruzada com os seguintes fatores morfossintáticos:

- a) Traço sintático de número e pessoa em relação ao traço semântico designado (pessoa do discurso);
- b) Tempo e forma verbal (simples ou composta);

- c) Tipo de frase;
 - d) Presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo;
- e com os fatores extralinguísticos relativos ao ano de produção e ao gênero fílmico.

No entanto, tratando-se da análise dos sujeitos de 3P, pretendemos analisar a representação dos sujeitos, baseando nosso estudo em Duarte (2012) e observando apenas sujeitos pronominais (plenos ou nulos) de referência definida em sentenças finitas, focalizando dois aspectos:

1. tratamento da acessibilidade do antecedente do sujeito (“Padrão Sentencial”, conforme proposto em Barbosa, Duarte e Kato (2005)), e o;
2. e o traço semântico do referente do pronome de 3P (se trata da “Hierarquia referencial” proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000)).

3.1. As ocorrências do sujeito de 3P na fala fílmica

Os sujeitos de 3P resultam ser os mais resistentes ao processo de mudança em curso do PB, relativamente ao Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN).

Entre as possíveis explicações para essa maior resistência do Sujeito Nulo de 3P (se comparado com a 1P e a 2P), estão o traço [\pm humano], [\pm animado] e [\pm específico] do referente e a acessibilidade do antecedente do sujeito.

Contudo, como se vê claramente do gráfico que apresentamos a seguir, registramos oscilações significativas entre os resultados relativos às percentagens das ocorrências do sujeito expresso que, para o singular, nunca descem em baixo de 39,53, enquanto, para o plural, a discrepância é maior, oscilando entre 11,2% de *O Redentor* e 70% de *Se eu fosse você*. O filme que apresenta as porcentagens mais baixas para 3PS, não superando 40% de preenchimento do sujeito, é *Meu nome não é Johnny*, em que se registra um índice de preenchimento de 39,53%, enquanto é no filme *O Redentor* que registramos a porcentagem mais baixa para a 3PP (11,2%).

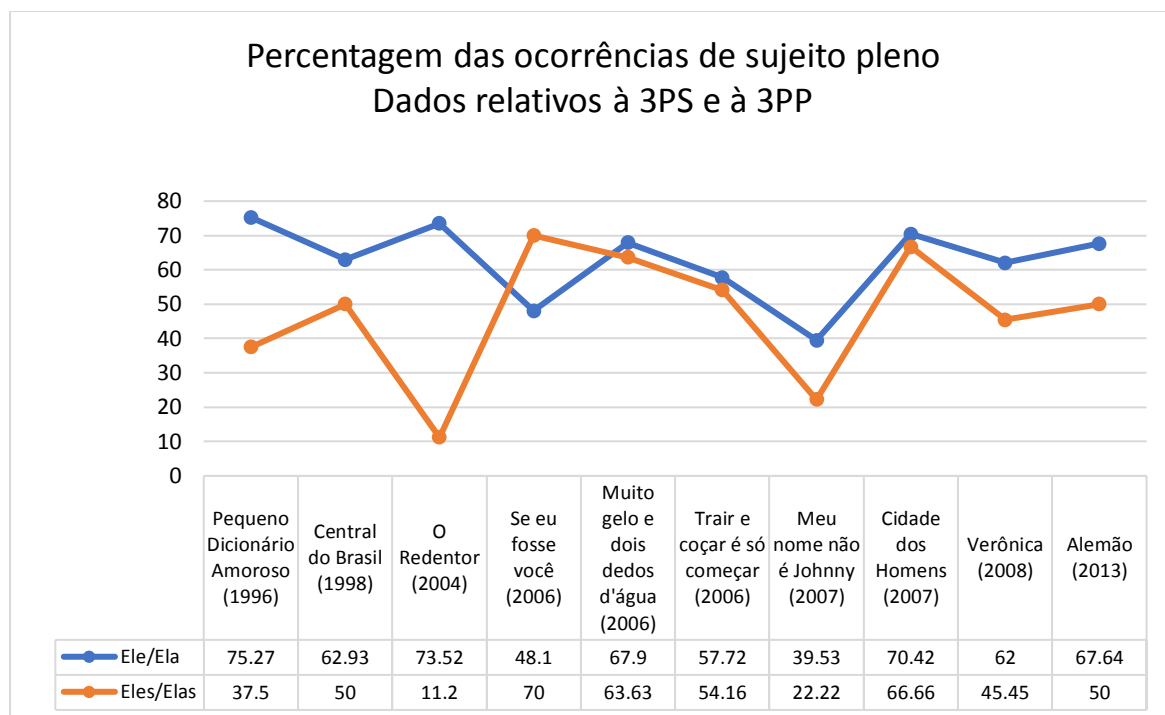


Gráfico 2.

Percentagem das ocorrências de sujeito pleno – dados relativos à 3PS e à 3PP.

Apesar disso, no que diz respeito ao singular, registra-se, de maneira mais marcada, a tendência para o preenchimento do sujeito, com índices de preenchimento quase sempre superiores a 50% (8 em 10 filmes), chegando a superar 70% de preenchimento em 3 filmes: *Pequeno Dicionário Amoroso* (1996), *O Redentor* (2004) e *Cidade dos Homens* (2007). Pelo que se refere à 3PP, a situação resulta ser diferente. De fato, registramos índices de preenchimento inferiores a 50% em 4 filmes, chegando a 70% de preenchimento de sujeito em um único caso (*Se eu fosse você*).

3.2. Acessibilidade sintática do antecedente do sujeito

Para poder investigar a acessibilidade sintática do antecedente do sujeito, os dados coletados foram codificados segundo 5 padrões sentencias, considerando tanto a proximidade do antecedente, quanto sua a função sintática. A tal propósito, precisamos evidenciar que utilizaremos os quatro padrões sentencias propostos por Barbosa, Duarte e Kato (2005) e ampliados por Soares da Silva (2006), através da cisão do IV padrão de Barbosa, Duarte e Kato (2005) nos padrões D e E.

Aquilo que se espera desse tipo de análise é que a proximidade e a identidade de função sintática favoreçam o apagamento, produzindo um *continuum*, em termos de preenchimento do sujeito, que vai do padrão A (em que o referente se encontra no mesmo período e com a mesma função sintática)

ao padrão D (em que o referente se encontra em outro período, com pelo menos uma oração interveniente entre a que contém o pronome em análise e a oração em que se localiza o seu antecedente, com outra função sintática).

- I. Padrão Sentencial A: o antecedente se encontra no mesmo período e é sujeito da oração precedente.

(1)

Eu sempre me perguntei: Se Deus existe, por que será que Ele não faz nada?

(*O Redentor*)

(2)

A minha mãe já disse que Ø vai se separar.

(*Meu nome não é Johnny*)

(3)

Seu Bené é um bom sujeito, mas ele é muito desconfiado.

(*Central do Brasil*)

- II. Padrão Sentencial B: o antecedente se encontra no período precedente e é tópico estrutural/discursivo ou tem a função sintática de sujeito.

(4)

- Teu pai enchia a cara.

- Não. Ele construiu a casa sozinho.

(*Central do Brasil*)

(5)

O cara fechava com o Madrugadão, tá ligado?

Aí Ø foi fechar com outros cara e invadiu o morro.

(*Cidade dos Homens*)

(6)

- Como está a sua mãe?

- Mais ou menos, porque ela tá num hospital público.

(*Verônica*)

III. Padrão Sentencial C: o antecedente se encontra no período precedente com outra função sintática.

(7)

Eu vou destruir aquela megera, deixar ela de tanga! Quando eu acabar, ela vai ter de pedir esmola pra sobreviver.

(Pequeno Dicionário Amoroso)

(8)

- Você deu cria pro Playboy, aquele psicopata?

- Ele nem era traficante ainda.

(Alemão)

(9)

Eu mesma tenho uma prima, que tem uma vizinha, com um tio que só tomava café puro, que que aconteceu?

Ele fugiu de casa porque Ø não aguentava mais a mulher dele reclamando dele tomar café!

(Se eu fosse você)

IV. Padrão Sentencial D: o antecedente também é sujeito, mas há pelo menos uma oração interveniente entre a que contém o pronome em análise e a oração em que se localiza o seu antecedente.

(10)

- Meu filho, você sabe que o seu pai não aceita pagar aluguel.

...

- Desde que o outro lá se matou, ele não para de falar nesse apartamento.

(O Redentor)

(11)

- Meu irmão não tá preparado, não.

.....

- Ø Tá preparado sim, ó! Tá, Ø tá preparado sim, Tina.

(Cidade dos Homens)

V. Padrão Sentencial E: o antecedente do sujeito se encontra numa oração não adjacente, como no Padrão D, com outra função sintática.

(12)

- A diretora disse que está preocupada com o comportamento do João Guilherme.

- O que foi que essa senhora disse?

- Disse que ele tira boas notas nos trabalhos de classe. Mas que \emptyset é líder incontestável em fuzarcas monumentais.

(*Meu nome não é Johnny*)

(13)

- Você tá louco! Sou uma mulher casada. Eu amo meu marido.

...

- Fala baixo. Quantas vezes ele te mandou flores?

(*Trair e coçar é só começar*)

3.3. Traço semântico do referente do pronome de 3P

Conforme a hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000, p. 54) (Fig. 2), na Escala de referencialidade, quanto mais referencial é o sujeito, maior é a probabilidade de que apareça preenchido, mesmo em Línguas pro-drop. Isso justifica o fato de a 3P, que pode registrar sujeitos com traços [\pm humano], [\pm animado] e [\pm específico], apresentar menores índices de sujeitos plenos, comportando-se como um contexto de resistência à mudança.

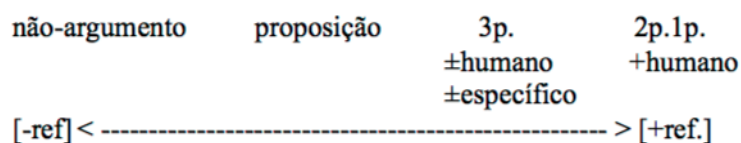


Figura 2

Hierarquia referencial *apud* Cyrino, Kato, Duarte (2000, p. 54)

Segundo esta hipótese, os pronomes argumentais com os traços [+N, +humano] se colocam na extremidade mais alta da hierarquia referencial, enquanto os pronomes não-argumentais se colocam na extremidade oposta.

I. Traço semântico do referente do pronome de 3P [+hum/+esp]

(14)

- Nildomar é o homem da minha vida!

- O porteiro? Mas ele tá muito bem empregado aqui no prédio.

(Trair e coçar é só começar)

(15)

A minha mãe já disse que Ø vai se separar.

Ø Só está dando um tempinho pra arrumar outro lugar.

(Meu nome não é Johnny)

II. Traço semântico do referente do pronome de 3P [+ hum/-esp]

(16)

Então, tinha que ter uma licença-felicidade. Quando a pessoa se apaixonasse, ela tinha que ter o dia seguinte inteiro livre sem fazer nada, sem ter que trabalhar.

(Pequeno Dicionário Amoroso)

(17)

- Mas o Amyr gosta da Antártica do jeito que ela é.

- Linda, branca, misteriosa.

(Muito gelo e dois dedos d'água)

III. Traço semântico do referente do pronome de 3P [- hum/+esp]

(17)

Conta essa história para outro, a mim ela não me convence.

(Alemão)

(18)

- A carta é pra Ana, não é pra gente.

- Há 6 meses que Ø chegou.

(Central do Brasil)

IV. Traço semântico do referente do pronome de 3P [-hum/-esp]

(19)

Essa danada da paixão, quando Ø cisma de aparecer, vai logo tomando conta de todo mundo. Fica tudo arretado!

(Se eu fosse você)

(20)

Se voltar desejos ou se eles foram mesmo...

(Muito gelo e dois dedos d'água)

4. A análise dos dados

4.1. Os resultados

Os resultados que obtivemos confirmam as evidências de Barbosa, Duarte e Kato (2005), Duarte (2012) e Duarte e Soares da Silva (2016) já evidenciaram, isto é, que a identidade de função sintática e a proximidade do antecedente não implementam a expressão do sujeito. De fato, nos padrões sentenciais A (29 dados em 58) e B (119 dados em 216), em que o referente tem a função de sujeito e fica no mesmo período ou no período adjacente, o percentual de preenchimento chega a 50% e 55%, enquanto que nos padrões sentenciais C (83 dados em 126) e E (146 dados em 217), em que o referente tem outra função sintática os percentuais chegam a 60,28% e 67,28%. Além disso, o fato que o referente não se encontre no período adjacente, como no caso D (126 dados em 209) e E, aumenta o percentual de preenchimento, mesmo nos casos em que o referente tenha a função sintática de sujeito (Padrão D com 60,28%).

Padrão Sentencial	Frequência	Percentual
Padrão A	29/58	50%
Padrão B	119/216	55%
Padrão C	83/126	65,86%
Padrão D	126/209	60,28%
Padrão E	146/217	67,28%

Tabella 3

O Sujeito Pleno conforme o padrão sentencial.

Todavia, se analisarmos as percentagens em cada um dos 10 filmes da nossa amostra (Gráfico 3), podemos ver como o preenchimento gradual, que emerge ao longo dos cinco padrões, apresenta uma série de oscilações, devidas à falta

de ocorrências nos últimos dois filmes: *Alemão* e *Verônica*, em relação ao Padrão A e à falta de ocorrências em *Verônica*, quanto ao Padrão C.

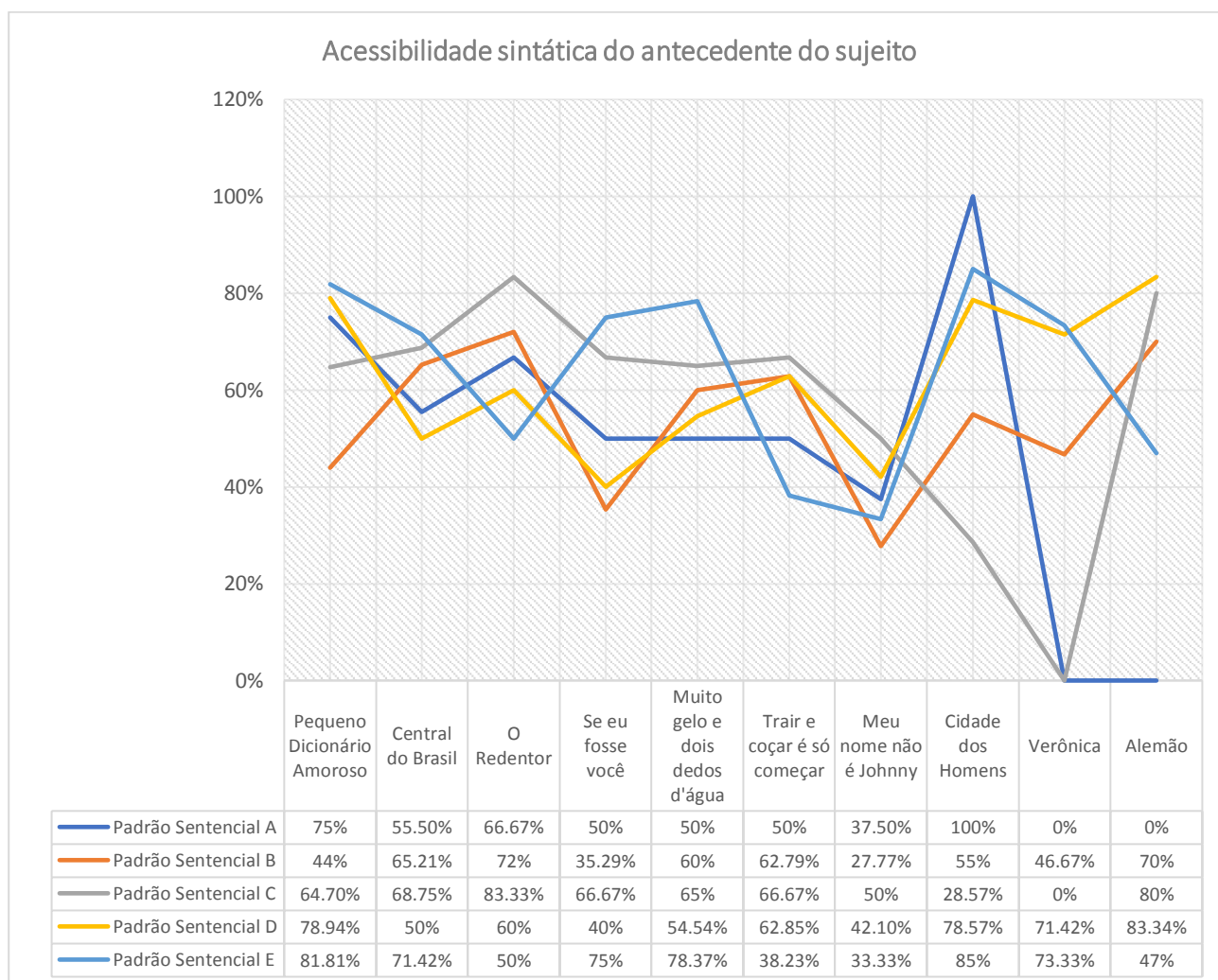


Gráfico 3
 Percentagem das ocorrências de sujeito pleno
 em relação à acessibilidade sintática do antecedente do sujeito.

Analisando os resultados relativos ao traço semântico do referente, o que emerge é que o traço [+hum] resulta ser o mais relevante no preenchimento do sujeito. De fato, quando combinado com o traço [+esp], chega a 66,82% com 433 dados em 648. Do lado oposto encontramos o traço [-hum], que desfavorece a expressão do sujeito, quando se combina com o traço [+esp], chegando a 33,33% de preenchimento (41 dados em 123). A combinação dos traços [-hum/-esp], mesmo considerando o número reduzido de ocorrências com essa combinação (5), confirma a atuação da hierarquia referencial em relação ao preenchimento do sujeito (16,67%).

Traço semântico do referente do pronome de 3P	Frequência	Percentual
[+hum/+esp]	433/648	66,82%
[+hum/-esp]	28/49	57,14%
[-hum/+esp]	41/123	33,33%
[-hum/-esp]	1/6	16,67%

Tabela 4

O Sujeito Pleno conforme o traço semântico do referente do pronome de 3P.

A análise do fator traço semântico nos 10 filmes da nossa amostra, não podendo dar um resposta em termos de mudança no tempo, sendo limitado o período contemplado (1996-2013), evidencia que o traço [-hum] se revela inibidor do pronome expresso, quando se combina com o traço [+esp] (em 8 filmes em 10 o percentual de preenchimento oscila entre 0% e 48%), e totalmente inibidor quando se combina com o traço [-esp]. De fato, temos a única ocorrência de sujeito expresso com traço semântico [-hum/-esp] apenas em um filme, *Muito gelo e dois dedos d'água*.

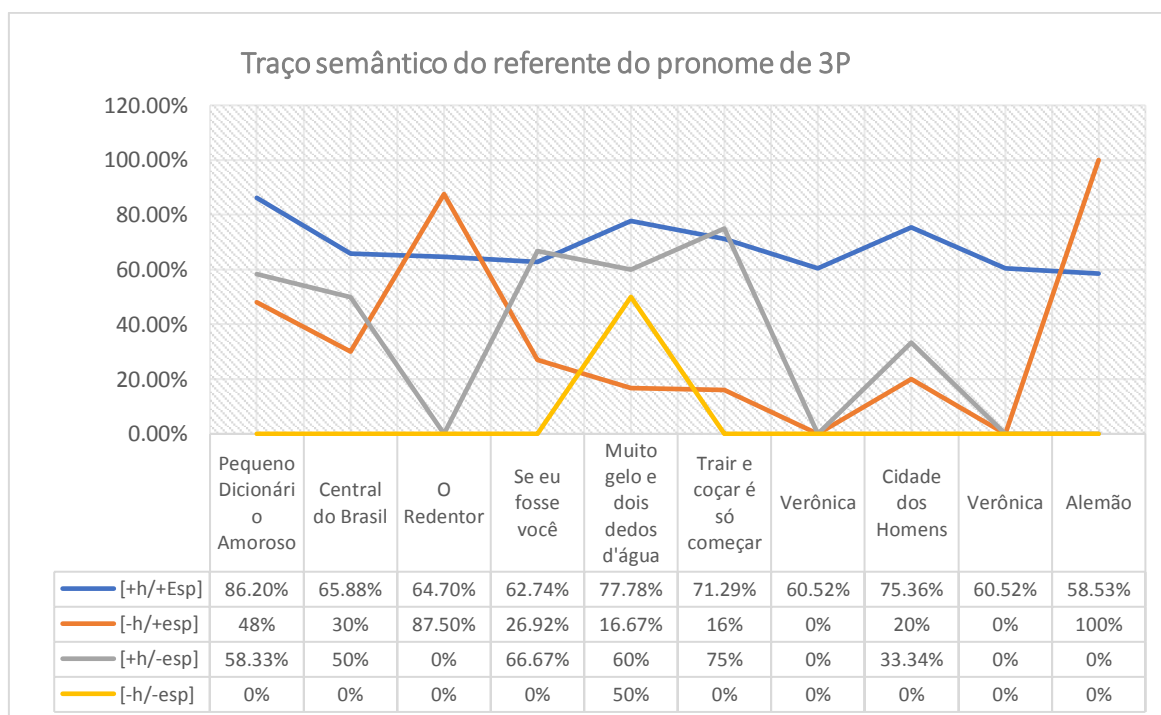


Gráfico 4

Percentagem das ocorrências de sujeito pleno em relação ao traço semântico do pronome de 3P.

Quanto ao traço semântico do referente do pronome de 3P, comparamos os resultados obtidos na nossa amostra fílmica carioca com os resultados

encontrados por Duarte (1995) para a variedade culta urbana carioca e por Duarte (1993, 2012) para a fala teatral. Essa comparação tem a função de mostrar como o processo de neostandardização do PB se reflete nas variedades diamésicas. De fato, se o processo de reconstrução da fala fílmica e da fala teatral na representação ficcional configura essas variedades como variedades diamésicas reelaborada para parecer espontâneas (sobretudo a fala fílmica), é plausível que se registrem nelas traços neostandard e substandard – conforme o gênero e a tipologia dos textos em questão –, para que seja satisfeito o pacto de verossimilhança entre emissor e destinatário.

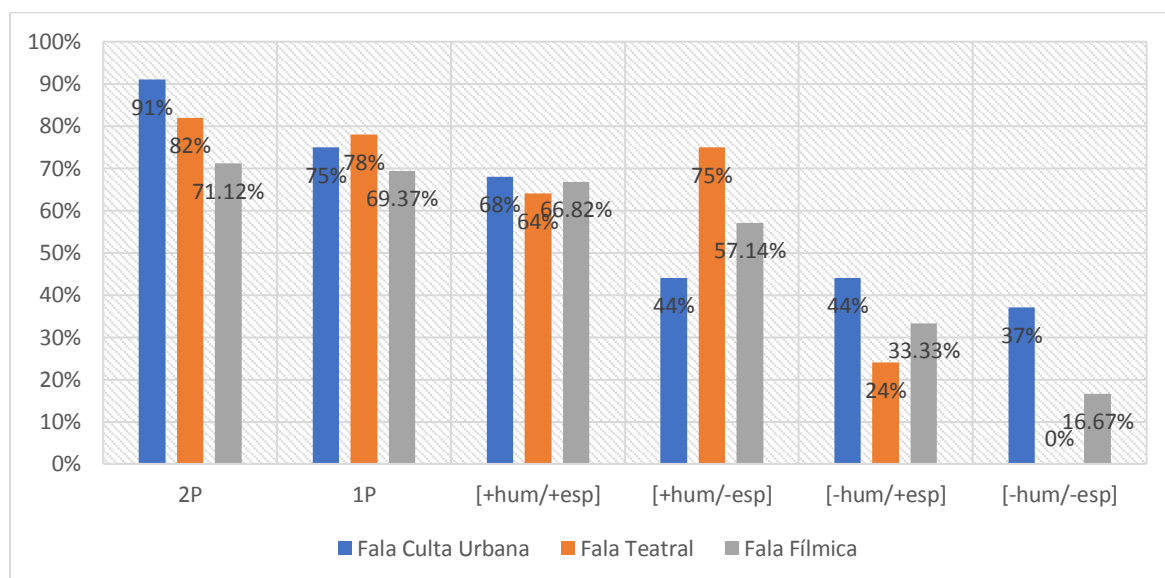


Gráfico 5

Sujeitos expressos na Variedade Culta Urbana Carioca (Duarte 1995, 2012) e nas variedades diamésicas teatral (Duarte 1993 revistos em 2012) e fílmica (De Rosa 2019), segundo o traço do referente (%).

O que emerge da comparação dos resultados é que nas três amostras a 2P lidera o preenchimento do sujeito referencial, com resultados mais próximos entre a fala espontânea (91%) e a fala teatral (82%)⁵, enquanto que a fala fílmica fica mais distante (71,12%). A 1P apresenta resultados mais contíguos entre as 3 amostras, com a fala teatral do VII período que chega até 78%. Esses resultados confirmam o previsto pela hierarquia referencial (Cyrino, Duarte e Kato, 2000), sendo a 1P e a 2P os contextos mais afetados pela mudança em andamento, e se refletem claramente tanto na fala teatral quanto na fala fílmica.

Também para a 3P, em que interagem os traços $[\pm\text{humano}]$ e $[\pm\text{específico}]$ do referente, é fundamental a hierarquia referencial. De fato, se

⁵ Os resultados apresentados para a fala espontânea (Duarte 1995, 2012 p. 42) se referem apenas aos dados relativos à faixa etária mais jovem, enquanto que os dados sobre a fala teatral (Duarte 1993, 2012, p. 36) se referem ao último período analisado, o VII, em que foram analisadas apenas peças escritas em 1992.

o sujeito apresenta os traços [+hum/+esp], o preenchimento chega a 68% para a fala culta urbana, a 64% para a fala teatral e a 66,82% para a fala fílmica. No entanto, com a combinação [-hum/-esp], o sujeito nulo se encontra em vantagem em todas as três amostras (63%, 100% e 83,33%), assim como com a combinação [-hum/+esp], onde o sujeito nulo chega a 56%, 76% e 66,67% de preenchimento. A única combinação que apresenta uma discrepância entre as três amostras é [+hum/-esp], em que a fala teatral apresenta uma percentagem de preenchimento de 75%, bem longe dos preenchimentos de 44% da fala culta urbana e de 57,14% da fala fílmica. Todavia, esse dado é bastante relativo porque no VII período da amostra teatral de Duarte (1993, 2012), o único que consideramos, só foram encontradas 4 ocorrências de Sujeito de 3P com essa combinação (Duarte, 2012 p. 36). Em prática, os referentes [-hum/-esp], [+hum/-esp] e [-hum/+esp] se mostram os mais resistentes ao preenchimento do sujeito.

5. Conclusões

Como evidenciamos já em De Rosa (2019), na fala fílmica, os contextos ligados à 2P são aqueles que revelam maiormente a mudança em curso, dado que a redução e reorganização do paradigma flexional partiu dali. Todavia, também para os pronomes de 3P, registramos altos índices de preenchimento: 63,09% para a o singular (452 dados em 710) e 47,42% para o plural (55 dados em 117). Além disso, uma releitura do percurso de preenchimento dos sujeitos anafóricos de 3P à luz da hierarquia referencial (Cyrino, Duarte e Kato, 2000) e da acessibilidade sintática do antecedente do sujeito (Barbosa, Duarte e Kato, 2005) evidenciou, também na fala fílmica, que o processo de mudança em direção ao pronome expresso resente fortemente da influência do traço [+humano] e da distância e da diferente função sintática do referente.

De fato, o que emerge em relação ao preenchimento do sujeito é uma situação de *continuum* tanto pela hierarquia referencial:

[+hum/+esp] 66,82% > [+hum/-esp] 57,14% > [-hum/+esp] 33,33% > [-hum/-esp] 16,67%

quanto pela acessibilidade sintática:

Padrão A 50% > *Padrão B* 55% > *Padrão C* 65,86% > *Padrão D* 60,28% > *Padrão E* 67,28%

Portanto, vale a pena sublinhar que o fato de o padrão sentencial registrar altas taxas de preenchimento principalmente em contextos em que o referente se encontra em outro período ou com outra função sintática e o fato de os traços [+humano] e [±específico] apresentarem índices de preenchimento superiores a 50%, confirmam a gradual, mas constante, transição do PB neo-standard de

(variedade de) língua *pro-drop* a (variedade de) língua não *pro-drop*. Todavia, como já dissemos em De Rosa (2019), deve-se ainda falar de variedade de língua a *pro-drop* parcial, uma vez que, como registramos também na fala fílmica, existem diversos contextos de resistência onde é ainda possível a omissão do sujeito referencial.

Nota biográfica: Gian Luigi De Rosa, PhD, é professor associado de Lingua e Traduzione – Lingue Portoghese e Brasiliana na Università degli Studi Roma Tre. Presidente da V edição do SIMELP - SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2015 (<http://www.simelp.it/>). Foi Diretor da Cátedra I. Camões-Unisalento “Manoel de Oliveira” de setembro de 2015 até setembro de 2019. Desde 2014, é co-diretor e co-responsável científico da Unisalento Summer School of Audiovisual Translation. É autor de vários ensaios dedicados à língua, à linguística portuguesa e brasileira e à tradução audiovisual e intersemiótica e é tradutor literário e audiovisual.

E-mail do autor: gianluigi.derosa@uniroma3.it

Referências bibliográficas

- Alarcos Llorach E. 1999, *Gramática de la Lengua Española*, Espasa Calpe, Real Academia Española, Madrid.
- Berruto G. 2013, *Punti d'incontro fra sociolinguistica e linguistica formale nello studio della variazione. Considerazioni dal punto di vista italo-romanzo*, in Tempesta I. e Vedovelli M. (a cura di), *Di linguistica e di sociolinguistica. Studi offerti a Norbert Dittmar*, Bulzoni, Roma, pp. 29-47.
- Barbosa P., Duarte M.E.L. e Kato M.A. 2005, *Null subjects in European and Brazilian Portuguese*, in "Journal of Portuguese Linguistics", 4, pp. 11-52.
- Berlinck R. de A., Duarte M.E.L. e Oliveira M. de 2015, *Predicação*, in Kato M.A. e Nascimento M. do (orgs.), *A Construção da Sentença. Gramática do Português Culto Falado no Brasil* (vol II), Editora Contexto, São Paulo, pp. 81-149.
- Chomsky N. 1981, *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- Cyrino S., Duarte M.E.L. e Kato M.A. 2000, *Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese*, in Kato M.A. e Negrão E.V. (orgs.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, Vervuert/Iberoamericana, Frankfurt am Main/Madrid, pp. 55-105.
- De Rosa G.L. 2012, *Mondi Doppiati. Tradurre l'audiovisivo dal portoghese tra variazione linguistica e problematiche traduttive*, Franco Angeli Milano.
- De Rosa G.L. 2017, *Il soggetto nel parlato fílmico brasiliano contemporaneo*, in "Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani", XVII – 2015, Fabrizio Serra Editore, Pisa-Roma, pp. 67-81.
- De Rosa G.L. 2019, *O sujeito na fala fílmica brasileira*, in Castagna V. e Quarezemin S. (eds.), *Da Linguística ao ensino: Travessias em Língua Portuguesa*, Edizioni Ca' Foscari, Venezia.
- De Rosa G.L. et al. 2017, *Corpus I-Fala, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research*.
- Duarte M.E.L. 1993, *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*, in Roberts I. and Kato M.A. (orgs.), *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*, Editora da Unicamp, Campinas, pp. 107-128.
- Duarte M.E.L. 1995, *A perda do princípio Evite Pronome no português brasileiro* [Tese de Doutorado], IEL/UNICAMP, Campinas.
- Duarte M.E.L. 1998, *O sujeito nulo no português do Brasil: de regra obrigatória a regra variável*, in Grosse S. and Zimmermann K. (eds.), *Substandard e mudança no português do Brasil*, Teo Ferrer de Mesquita (TFM), Frankfurt, pp. 189-202.
- Duarte M.E.L. 2000, *The loss of the 'avoid pronoun' principle in Brazilian Portuguese*, in Kato M.A. e Negrão E.V. (orgs.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, Vervuert/Iberoamericana, Frankfurt am Main/Madrid, pp. 17-36.
- Duarte M.E.L. 2004, *On the 'embedding' of a syntactic change*, in Gunnarsson B.L. et alii, *Language Variation in Europe. Papers from ICLa VE2 - Second International Conference on Language Variation in English*, Universitetsstryckeriet, Uppsala pp. 145-155.
- Duarte M.E.L. 2008, *Sujeito Nulo/Pleno e marcas de concordância*, in Votre S. e Roncarati C. (eds.), *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil. Uma homenagem acadêmica*, 7Letras, Rio de Janeiro, pp. 265-277.
- Duarte M.E.L. (ed.) 2012, *O sujeito em peças de teatro (1833-1922). Estudos diacrônicos*, Parábola, São Paulo.

- Duarte M.E.L. e Soares da Silva H. 2016, *Microparametric variation in Spanish and Portuguese. The null subject parameter and the role of the verb inflectional paradigm*, in Kato M.A. e Ordóñez F. (eds.), *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, Oxford University Press, New York, pp. 1-26.
- Ferreira M. 2009, *Null subjects and finite control in Brazilian Portuguese*, in Nunes J. (ed.), *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia, pp. 17-49.
- Galves C.M.C. 1993, *O enfraquecimento da concordância no português brasileiro*, in Roberts I. and Kato M.A. (orgs.), *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*, Editora da Unicamp, Campinas, pp. 387-408.
- Kaiser G.A. 2006, *Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro*, in Lobo T. et alii (eds.), *Para a história do português brasileiro. Vol. 6: Novos dados, novas análises*. Tomo 1, Editora da Universidade Federal da Bahia, Salvador, pp. 11-42.
- Kaiser G.A. 2009, *Losing the null subject. A contrastive study of (Brazilian) Portuguese and (Medieval) French*, in Kaiser G.A. and Remberger E.M. (orgs.), *Proceedings of the Workshop "Null-subjects, expletives, and locatives in Romance"*, Arbeitspapier 123, Fachbereich Sprachwissenschaft Universität Konstanz, Konstanz, pp. 131-156.
- Kato M.A. 1999, *Strong and weak pronominal in the null subject parameter*, "Probus", 11, pp. 1-37.
- Kato M.A. 2000, *The Partial Pro-Drop Nature and the Restricted Vs Order in Brazilian Portuguese*, in Kato M.A. e Negrão E.V. (orgs.), *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, Vervuert/Iberoamericana, Frankfurt am Main/Madrid, pp. 223-258.
- Kato M.A. e Duarte M.E.L. 2014, *A Variação entre construções finitas pessoais e impessoais no português brasileiro*, "Sociodialeto", UEMS, Campo Grande, 4, 12, pp. 153-177.
- Kato M.A. e Negrão E.V. (orgs.) 2000, *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*, Vervuert/Iberoamericana, Frankfurt am Main/Madrid.
- Kato M.A. e Duarte M.E.L. 2014, *Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro*, "VEREDAS – Sintaxe das Línguas Brasileiras", 18, 1, http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/01-Kato_Duarte2.pdf (10.05.2019).
- Kayne R. 1989, *Null Subjects and clitic climbing*, in Jaeggli O. e Safir K. (orgs.), *The Null Subject Parameter*, Kluwer, Dordrecht, pp. 231-261.
- Lira S. de A. 1982, *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese* [PhD Dissertation], University of Pennsylvania, Pennsylvania.
- Lira S. de A. 1988, *O sujeito pronominal no português falado e escrito*, "Ilha do Desterro", UFSC, Florianópolis, 20, pp. 31-43.
- Lira S. de A. 1996, *The Subject in Brazilian Portuguese*, Peter Lang, New York.
- Lobo, Maria (2013). «Sujeito Nulo: Sintaxe e Interpretação». Raposo, Eduardo Paiva et al., *Gramática do Português* (vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: pp. 2309-2335.
- Lucchesi D. 2009, *A realização do sujeito pronominal*, in Lucchesi D., Baxter A. e Ribeiro I. (orgs.), *O Português Afro-Brasileiro*, EDUFBA, Salvador, pp. 167-183.
- Mateus M.H.M. et alii 2003, *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Caminho, Lisboa.
- Oliveira M. 2000, *The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese*, in Kato M.A. e Negrão E.V. (orgs.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt, Vervuert/Iberoamericana, Frankfurt am Main/Madrid, pp. 37-53.

- Omena N.P. de 1996a, *A referência à primeira pessoa do plural*, in Silva G.M. de O. e Scherre M.M.P. (eds.), *Padrões Sociolinguísticos*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, pp. 185-215.
- Scherre M.M.P. 1996b, *As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito*, in Silva G.M. de O. e Scherre, M.M.P. (eds.), *Padrões Sociolinguísticos*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, pp. 311-323.
- Paredes da Silva V.L. 1988, *Cartas Cariocas: a variação do sujeito na escrita informal* [Tese de Doutorado]. UFRJ, Rio de Janeiro.
- Paredes da Silva V.L. 1991, *Cartas Cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*, “Boletim da ABRALIN”, n. 11, 8, pp. 83-96.
- Paredes da Silva V.L. 2003, *Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real*, in Duarte M.E.L. e Paiva M. da C. (orgs.), *Mudança linguística em tempo real*, Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro, pp. 97-114.
- Rizzi L. 1982, *Issues in Italian Syntax*, Foris, Dordrecht.
- Silva M.C.F. 1996, *A Posição do Sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e infinitivas*, Editora da UNICAMP, Campinas.
- Silva R. do C.P. 2007, *Sujeito pronominal nos quadrinhos/Pronominal subject in the comics*, “Revista Letras”, Editora UFPR, Curitiba, 72, maio/ago., pp. 189-209.
- Soares da Silva H. 2006, *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. (Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Tarallo F. 1993, *Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX*, in Roberts I. e Kato M.A. (eds.), *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*, Editora Unicamp, Campinas, pp. 69-106.
- Zimmerman K. 1998, *Substandard linguístico, língua não-padrão e mudança no português do Brasil: introdução teórica e metodológica*, in Grosse S. e Zimmermann K. (eds.), *Substandard e mudança no português do Brasil*, Teo Ferrer de Mesquita (TFM), Frankfurt, pp. 11-36.